

# Pedras e pinturas de Cedròn

**M**estre Alberto Cedròn (pintor, escultor, ceramista) expõe até ao dia 30 na galeria MAC, ao Rato. A exposição, inaugurada na terça-feira, conta com 41 obras entre pedras policromadas, «raku», pinturas e terracotas.

ANA BELA MARTINS DA CRUZ

SONHAR parece fácil. Mas nem sempre o é. Como não é fácil passar ideias, momentos fugazes e sonhos (leia-se imaginação, acto da criação) à tela, à terracota ou ao ritual da técnica milenar do *raku*. Fala-se, aqui, na nova exposição, individual, do argentino Alberto Cedròn, na galeria MAC (Movimento Arte Contemporânea, na Rua do Sol ao Rato, 9 C). Uma casa por onde têm passado interessantes, e

grandes, artistas plásticas, que é dirigida, com um toque diferente, por Álvaro Lobato de Faria e Luís José de Vasconcelos. De destacar ainda o trabalho interessante, de caixa alta, que o engenheiro Beltrão Coelho vem desenvolvendo, com a galeria MAC, na área do mecenato cultural. Uma iniciativa séria, total e positiva que deveria ser seguida pela maioria do nosso empresariado.

Para o visitante é a estranheza sedutora de passear entre «sentimentos e fantasmas», envolver-se «na busca do puro caos da pintura – da escultura – que se forma e se deforma» em Alberto Cedròn, que «afinal nunca se conforma», nas palavras de Raul Rodriguez Machi, diplomata e amigo do pintor *porteño* radicado em Sintra.

Existem razões várias para visitar esta mostra individual do artista plástico argentino (presente no MOMA de Nova Iorque, nas colecções de Laurie Perlman – da Century Fox – Ivo Pitanguy ou Mário Soares). Razões que se prendem não só com a notoriedade de Cedròn (em Espanha, Brasil, Itália, Argentina e outros sectores da América Latina e EUA) e o aspecto qualitativo das peças, mas também com a sua original força de linhas. Mas a determinante é, sem sombra de dúvida, a apresentação



▶ ALBERTO CEDRÒN (o «raku» representando Senhor Feudal) na Movimento Arte Contemporânea

das peças de *raku*. Também das pedras policromadas e pedras, ácidos e pigmentos. E uma expressiva (épica) terracota. Feminina, *Amazona*.

Penso que a curiosidade esteja instalada. Passo a explicar (tentativa vã, leiga e superficial *visionada* na casa do artista, em Sintra, há três semanas) o que é, em que consiste, o *raku*. Trata-se de uma técnica japonesa, mile-

nar, de cerâmica. Os materiais utilizados foram barro português e argila branca, um forno antigo rudimentar (o resultado não seria o mesmo se o forno fosse mais sofisticado) e os efeitos da química de redução durante a combustão. E a arte de mestre Cedròn, emprestada aos sete magníficos *raku* que ornamentam a sua individual.

As peças esculpidas no

barro antes de irem ao forno (pintadas e cheias de materiais que lhe vão conferir um brilho, metálico, hierático e endeusado) são finalizadas com partes de alifan agrícolas em ferro. Um aspecto impressionante. Belo sem ser trágico. Deuses de fogo negro; pinturas impressas a fulvo, azuis e verdes; pedras belas nas policromias inscritas. Plástica do talento.